



Antonio Hohlfeldt

# Teatro

a\_hohlfeldt@yahoo.com.br

## Maria Helena Lopes, a dos espetáculos inesquecíveis

A eventualmente atriz mas, sobretudo, diretora e roteirista de teatro Maria Helena Lopes faleceu na semana passada. Natural de Pelotas, completou 90 anos de vida, depois de ser professora do Departamento de Arte Dramática da Ufrgs, entre 1967 e 1994, sendo uma das fundadoras do Grupo de Teatro Província, onde estreou com *Brecht em câmara*, de que fez a direção, e depois criou o Grupo Tear, em 1980, para desenvolver a investigação da linguagem teatral.

Maria Helena era uma figura pequena de altura, sorriso humilde, como quem pedindo desculpas por ocupar espaço. Mas era gigante enquanto artista e criadora, dona de uma simpatia extraordinária e uma disponibilidade inimaginável para com as pessoas. Ela deixou marcas fortes, inclusive no ator companheiro fiel de muitos espetáculos, Sérgio Lulkin, um dos artistas mais bem dotados que o teatro de Porto Alegre já conheceu e que, felizmente, continua firme e forte em cena.

Acompanhei Maria Helena desde a sua estreia como atriz, mas o primeiro impacto veio com *Flicts*, transposição do maravilhoso livro de Ziraldo para o teatro, tarefa que, em tese, seria impossível. Mas ela fez, num diminuto mas flexível espaço do então Centro Social Israelita, no Bom Fim. Foi um impacto. Ainda agora, ao escrever, fecho os olhos e tenho a cena à minha frente. Leveza, criatividade, poesia, a verve de Ziraldo trazida para a cena.

A *Ópera dos três vinténs*, de Brecht, com direção de José Paulo Vasconcellos, ainda pelo grupo do DAD, no acanhado teatrinho da Salgado Filho; *O amante*, de Harold Pinter; *La pazzia senile*, do italiano Adriano Banchieri; e *Brecht em câmara* foram espetáculos que se seguiram. Maria Helena experimentava suas capacidades, abria alternativas de criação, e então chegou o Tear: *Crônica da cidade pequena*, a partir de m texto de Gabriel Garcia Márquez, provocou outro impacto. O espetáculo valorizava tanto a palavra dramática quanto a presença corporal do

ator em cena, e isso se tornou a constância do trabalho de Maria Helena. Ela sempre experimentava: se não fosse para avançar nas potencialidades do espetáculo teatral, ela não se interessava.

Sucedeu-se *Quem manda na banda* (1981) e, de novo, outro impacto: *Os reis vagabundos* (1983). Maria Helena avançava sempre: em 1988 realizou *Império da cobiça*, a partir de Eduardo Galeano. Para quem dizia que ela era uma alienada, a resposta vinha certa. Seguiram-se uma experiência operística, com *La serva padrona*, de Pegolesi, e de novo o teatro em sua essência, com *Kallwae - A farsa do convidado obscuro*, do polêmico alemão Botho Strauss. Maria Helena ainda assinaria o renovador *Partituras: Os atos, as palavras e as metáforas* (1990), *Shakexperience* (1998) e *Solos em cena* (2001), creio que seu último trabalho de criação no palco.

Maria Helena foi homenageada, há poucos anos, com o Prêmio Eva Sopher, da Fundação Theatro São Pedro, mas não pôde receber pessoalmente a homenagem, por estar doente. É

triste, sempre, a gente observar uma pessoa tão extraordinária ser derrubada por uma doença. Mas ela resistiu e, felizmente, os registros escritos, alguns vídeos e fotografias, além de depoimentos de atores e colegas de atividade, mostram e evidenciam o talento e a dimensão magnificamente humana desta criadora, eu diria, inesgotável: ela sempre estava a prestar atenção à realidade imediata para dela retirar algo que melhor nos revelasse, que mais pudesse nos dizer a respeito de nós mesmos.

O teatro sul-rio-grandense e brasileiro deve muito a Maria Helena. Não por acaso, instituições de todo o País se manifestaram a respeito de seu falecimento. Ela formou pelo menos duas gerações de atores, sugeriu experimentos criativos na linguagem teatral e, sobretudo, empolgou, envolveu e fez sonhar a todos os que tiveram a alegria e a ventura de, como eu, terem assistido a seus trabalhos, todos eles inesquecíveis.

*Ela sempre estava a prestar atenção à realidade para dela retirar algo que nos falasse a respeito de nós mesmos*



Hélio Nascimento

# Cinema

hr.nascimento@yahoo.com.br

## A volta de um enigma

A reapresentação de filmes é cada vez mais rara, sobretudo na forma adequada. Deveria ser algo praticado com mais frequência, pois os novos processos de projeção valorizam a imagem e encaminham para o passado irregularidades e imperfeições causadas por desleixos na época da película em 35 milímetros. Mesmo assim - e algumas reedições eram feitas com perfeição a partir dos negativos originais - espectadores das últimas décadas do século passado puderam ver na tela certa clássicos, alguns da época do cinema silencioso. Atualmente, tais filmes sobrevivem em telas pequenas, um simulacro de cinema, mas que pelo menos permite que obras de importância continuem revelando parcialmente seus méritos e impondo sua perenidade. Mas as cinematecas e os centros culturais continuam sendo cidadelas de resistência. E há fatos a ser registrados, como a iniciativa da Netflix em adquirir um dos maiores cinemas de Los Angeles e dotá-lo de todos meios de projeção, modernos e antigos, a fim de que filmes de todas as épocas possam ser devidamente apreciados. A volta de *Cidade dos sonhos* (*Mulholland Drive*), realizado em 2001 por David Lynch (1946-2025), é,

*É fácil deformar a realidade. Difícil é enxergar no real os significados não percebidos em um primeiro olhar*

portanto, algo a ser valorizado, pois permite que o filme, reeditado a partir do negativo original, possa ser devidamente apreciado e aplaudido por seus admiradores.

Lynch, prestigiado por séries de televisão e por filmes que, utilizando formas de expressão aparentemente corriqueiras, procuravam ser instrumentos reveladores de elementos ocultos da sociedade americana, tem em sua obra um título notável, *O homem elefante*, realizado em 1980. Ele também recebeu uma Palma de ouro em Cannes por *Coração selvagem*, em 1990. Em 2022, ele aceitou um convite de Steven Spielberg para interpretar o grande John Ford na cena final de *Os Fabelmans*, quando o cineasta de *A lista de Schindler* revelou ao público um episódio decisivo em sua vida. O curioso é que, pelo menos em *Cidade dos sonhos*, o cinema de Lynch está muito distante daquele do mestre de *Rastros de ódio*. Ford e os outros grandes

do cinema americano sempre cultivaram um cinema aberto para o público em geral. Nunca se preocuparam em criar algo obscuro, embora muitas vezes tenham desenvolvido, no mesmo filme, dois temas: um exposto por uma narrativa tradicional e outro visível no cenário, nos olhares e em símbolos captados pela imagem e vistos pelos mais atentos. Propunham uma leitura de um sonho. Esta técnica, que nunca expulsou o público das salas, espalhou-se pelo mundo todo, sendo, portanto, um erro vê-la apenas como uma tentativa de impor facilidades.

O filme de Lynch agora reprisado não deve ser visto como algo original. Na época, Buñuel já tinha realizado sua trilogia formada por *O discreto charme da burguesia*, *O fantasma da liberdade* e *Esse obscuro objeto do desejo*, obras presentes em *A cidade dos sonhos*, inclusive pela utilização das mesmas atrizes em papéis diferentes.

Além disso, a loira e a morena, clara citação do Hitchcock de *Vertigo*, serve para lembrar que aquele outro mestre nunca propôs ao público quebra-cabeças. Sempre terminou seu filme com a luz do esclarecimento. E até concluiu sua filmografia com uma atriz olhan-

do para o espectador e piscando um olho, como a dizer: tudo é apenas um filme. Mas não há como negar em Lynch habilidades e uma visão dotada de ironia. O olhar da aspirante a estrela de Hollywood e seu sorriso carregado de ingenuidade é perfeito para ilustrar uma fantasia desfeita por tudo o que depois acontecerá. Provavelmente, ele procurou resumir a questão na cena em que, de uma esquina, surge uma imagem capaz de causar espanto e horror. É fácil deformar a realidade e tornar difícil para o espectador esclarecer obscuridades deliberadamente procuradas. Difícil é ver no real os significados não percebidos num primeiro olhar. Quando o filme aqui foi lançado em maio de 2002, escrevemos uma crônica intitulada *Realidade soterrada*. Não há motivo para mudar de opinião, mesmo reconhecendo que os decifreadores de enigmas encontrarão material de seu interesse. Mas não é esta a função do cinema.